

RESENHA BIBLIOGRÁFICA (1).

IRIGOIN (Jean). — *Recherches sur les Mètres de la lyrique chorale grecque. La Structure du vers*. Publicado na Coleção "Estudos e Comentários" da Livraria Klincksieck, Paris, 1953.

Os estudos sôbre a métrica grega continuam a aparecer em um ritmo que pode parecer surpreendente, a se julgar pelos diversos trabalhos publicados nestes vinte últimos anos. Citaremos os livros de P. Maas, de O. Schroeder, de P. Kikauka, de J. Descroix, de W. J. W. Koster, de A. Dain, de A. M. Dale, de Thr. Georgiades. E o estudo, há pouco publicado, do Sr. Jean Irigoïn, na mesma coleção "Estudos e Comentários" nos apresenta dois novos trabalhos sôbre a mesma questão, devidos ao R. P. E. Martin. Assim é que nossos estudos helênicos têm tido sucesso que não se pode desmentir.

Essas numerosas pesquisas provam uma coisa evidente: que não podemos pretender saber o fundo mesmo do que constituia a essência da poesia grega, falta-nos conhecer o elemento principal desta poesia que era essencialmente a música; restam-nos apenas alguns fragmentos de anotação aos quais se procura dar uma significação. Disto resulta que quantas edições de líricos gregos temos sob os olhos, tantas interpretações diferentes nos são propostas, e os esquemas se sucedem, tão pouco convincentes uns como outros.

O mérito particular do trabalho do prof. Jean Irigoïn é de não ter procurado *a priori* nos impor algum sistema de prosódia, seja de não ter de maneira nenhuma explicado os textos de um modo tendencioso, mas de tirar simplesmente as conclusões que o exame dos poemas antigos impuzeram.

E' um pouco por acaso, ousamos dizer, que o autor se lançou a êste problema. Seu propósito primitivo era fazer o estudo do texto de Píndaro, e o realizou magistralmente em uma obra sôbre a qual teremos o prazer de voltar a tratar. Mas o autor durante alguns anos não pôde ser o discípulo assíduo do prof. Alphonse Dain, na *École des Hautes Etudes* de Paris, sem que tivesse a atenção voltada para as questões de métrica. Partindo do princípio, reconhecido como certo em nossos dias, da sinafia freqüente entre os diversos elementos rítmicos que compõem um verso, e dêsse outro princípio reencontrado pelo prof. A. Dain em suas conferências da *École des Hautes Etudes*: para praticar a sinafia o poeta não permitirá a separação das palavras no verso senão uma sílaba depois do novo elemento empregado, o autor procurou, a partir de Píndaro e de Baquilides, de que maneira se aplicavam êsses dois princípios. Ora, não sômente lhe pareceu que jamais tivesse havido diérese entre os diversos elementos de um mesmo verso, mas ainda esta ausência de diérese dá uma certeza quanto aos elementos que compõem os versos líricos. E' pois a um resultado excessivamente importante que chega o estudo do prof. J. Irigoïn. Além disso, apli-

(1). — Solicitamos dos Srs. Autores e Editôres a remessa de suas publicações para a competente resenha bibliográfica.

cando aos seus autores um sistema de numeração, assim como o prof. A. Dain o havia feito para Sófocles, — e isto em seguida a Th. Bergk, Rosshack, Westphal e Schroeder, — mostra que o poeta procura um equilíbrio rítmico e chega a numerá-lo. Enfim, indo mais longe que seu mestre, o autor acha que a lei do *enjambement* tal qual tinha formulado A. Dain, deve ser concebida de maneira mais ampla; a cesura é feita pelo poeta tão bem numa sílaba antes do novo elemento rítmico como numa sílaba depois, e esta cesura é, para J. Irigoín, muito menos essencial ao verso que à própria sináfia. E' destruir velhas teorias, mas não podemos deixar de concordar com o autor: a métrica durante muito tempo foi vítima do espírito de sistema. O que achamos de interessante no trabalho de J. Irigoín, é que não se limitou a tirar suas teorias de seus únicos autores, mas ainda as applicou a outros poetas, sem que eles tenham caído em erro. Permitir-nos-emos não o seguir totalmente quando, a propósito de Arquiloco, quer que a falta de sináfia entre as duas partes dos primeiros e segundos versos arquíloquios milite por sua separação em dois versos distintos. Não sei se se deve aplicar ao poeta pário principios tão rigorosos para metros dos quais foi o inventor ou pelo menos aos quais deu a forma definitiva.

Há igualmente uma afirmação de J. Irigoín que merecerá sem dúvida alguma discussão, quando diz que o *colón*, — isto é, esta unidade intermediária entre o elemento rítmico e o verso e que corresponde às separações no verso que encontramos em todos os manuscritos dos poetas — não tem valor métrico e não é senão uma simples criação dos filólogos alexandrinos.

Ainda que sejam essas algumas restrições, a obra do prof. J. Irigoín merece um estudo particular de todo helenista; deve ser encontrada na biblioteca de quem quer que se interesse pelos estudos gregos e constitui grande honra para a nova Escola filológica francesa. Não podemos senão esperar com impaciência o novo trabalho que nos anuncia o autor e que terá por título: "*Recherche sur les mètres de la lyrique chorale grecque. La Composition de la période et l'architecture de la strophe*" — e que só poder trazer mais luz a um assunto sôbre o qual, para esclarecê-lo, o autor terá contribuído em grande parte.

R. AUBRETON.

*

IMAGO MUNDI (Revista de la Cultura), dirigida por José Luis Romero, publicação trimestral, n.º 1, setembro de 1953, Buenos Aires, 138 pp.

HUMANITAS — Revista de la Facultad de Filosofia y Letras de la Universidad de Tucuman, publicação quadrimestral, ano I, n.º 1, Tucuman, 443 pp.

Duas excelentes revistas argentinas acabam de aparecer e a *Revista de História* tem grande prazer em saudá-las e muita satisfação em apresentar aos seus diretores, os melhores cumprimentos.

Imago Mundi, como o seu subtítulo indica, procurará recolher os diferentes dados das diversas histórias particulares para, desse modo, contribuir para a obtenção duma imagem mais rica da realidade e uma compreensão mais profunda da História. Em *Imago Mundi* terão acolhida os estudiosos de todos os campos da atividade intelectual que acusem preocupação de historicidade. Os

seus redatores crêem — e com razão — que a História da cultura representa em nosso tempo a atitude humanista, a expressão duma consciência vigilante que se volta para o passado mas que não perde contacto também com o presente.

Neste primeiro número colaboram José Luis Romero, com um interessante artigo intitulado *Reflexiones sobre la Historia de la Cultura* (pp. 3-14); Rodolfo Mondolfo, com *Trabajo y Conocimiento segun Aristoteles* (pp. 14-22); José Babibi, com *Las Grandes Etapas del Analisis Infinitesimal* (pp. 23-41); José Juan Bruera, com *Spinoza y las Ideas Juridicas en el siglo XVII* (pp. 41-53); Jorge Romero Brest, com *Reflexiones sobre la Historia del Cubismo* (pp. 53-63) e Vitor Massuh, com *Martí en los Estados Unidos* (pp. 64-71). Além desses artigos, a Revista apresenta ainda excelentes resenhas e interessantíssima e variada bibliografia.

No primeiro número de *Humanitas* há também abundante material bibliográfico e crítico, assim como excelentes artigos entre os quais destacamos os de Rodolfo Mondolfo, *Platon y el Concepto unitario de la cultura* (pp. 15-24); o de Diego Pro, *Interpretación del Ser en la Filosofia Griega* (pp. 41-97) e o de Emilio Carilla, *La Argentina de Cunningham Graham* (pp. 99-117), curioso inglês que escreveu uma biografia do nosso Antônio Conselheiro (*A Brazilian Mystic*).

As duas Revistas de cultura, a *Revista de História* cumprimenta e deseja prosperidade.

J. CRUZ COSTA.

BRASILIA. — Revista do Instituto de Estudos Brasileiros da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, vol. VII, Coimbra, 1952, 286 pp.

O Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de Coimbra, a cuja fundação estão ligados os nomes dos Profs. Mendes dos Remédios, Teixeira de Abreu (que, se não nos enganamos, aqui viveu durante algum tempo) e o do Prof. Rebelo Gonçalves que, como é sabido, ensinou, na nossa Faculdade de Filosofia — acha-se agora sob a competente direção do Prof. Costa Pimpão, catedrático daquela Universidade.

Desde 1942, publicava aquêl Instituto, por iniciativa do Prof. Rebelo Gonçalves, a excelente revista que é *Brasilia*, cuja finalidade consiste em revelar, a portugueses e a brasileiros, as semelhanças e as dissemelhanças que existem entre os dois povos que utilizam a mesma língua, mas cujo destino histórico, por via de circunstâncias diversas, nem sempre coincidem. *Brasilia*, que é uma revista exclusivamente dedicada a assuntos culturais, presta assim um grande serviço aos estudiosos dos dois países de língua portuguesa. E é, com grande satisfação que a vemos partir agora para um novo período de existência.

Adstrita a essa nobre tarefa intelectual, a revista do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de Coimbra é acolhida, por todos nós, com verdadeiro júbilo. Apresentamos aqui um sumário do que se contém neste número: uma conferência de Gilberto Freyre "Em torno de um novo conceito de tropicalismo" (pp. 3-17); "Portugal e o Brasil no Mundo de Amanhã" (pp. 19-33), do Prof. Amorim Girão; "A Margem das *Reflexões* de Matias Aires", de Jacinto do Prado Coelho, (pp. 35-82); "Sociedades médicas e o jornalismo médico no Brasil", do Dr. Divaldo de Freitas (pp. 82-92); "O Historiador da *Nova Lusitânia*: Francisco de Brito Freire", do Prof.

Lopes de Almeida (pp. 93-149) e “Alguns documentos de interesse para a história do Brasil”, de A. de Magalhães Basto (pp. 151-187).

Da *Vária*, destacamos: “Sobrado”, de Joseph M. Piel (pp. 191-199); “Presores-Bandeirantes”, de Torquato de Sousa Soares (pp. 201-207); “Jackob Jud”, do Prof. Serafim da Silva Neto (pp. 208-226). Na *Crônica* vêm ainda a saudação do Dr. Costa Pimpão ao nosso patricio Gilberto Freyre; as noticias da passagem, por Coimbra, da missão universitária paulista que recentemente esteve na Europa; nota sôbre o doutoramento do Prof. Pedro Calmon, etc. Algumas criticas do Prof. Costa Pimpão (sôbre obras de Augusto Magne, Clovis Monteiro e Álvaro Lins) enriquecem ainda o número VII da *Brasília*.

J. CRUZ COSTA.

BIBLOS. — Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, vol. XXVIII. Coimbra, 1952, 596 pp.

Este número da revista *Biblos* é muito rico de matéria e, por isso mesmo, difficil de resenhar. Abre-o um trabalho do Prof. Lopes de Almeida sôbre uma carta do nosso patricio, o vicentino frei Gaspar da Madre de Deus, o “beijinho dos paulistas”, como o chamou Capistrano. A carta, longa elouvaminheira, é dirigida a Bernardo de Lorena e datada de 2 de março de 1792. Nela o beneditino faz referência à *Calçada do Lorena* — que êle acabara de percorrer — e a outros assuntos, todos de grande interesse para a história de São Paulo. Vai aqui um trecho da carta na qual frei Gaspar descreve a serra e o seu novo aspecto, depois dos trabalhos ali mandados executar por Bernardo de Lorena: “*Eu não tenho palavras com que me explique a êste respeito, e só o faria bem com as que a Rainha de Sabá disse a Salomão depois de o ouvir. Muito me louvavam esta obra (a Calçada) e eu pensava que os relatores falavam hiperbolicamente; mas, depois de ter subido a serra, e de tudo haver examinado com muita atenção, estou persuadido que foram diminutos os elogios, e outrossim, que a sabedoria de V. Exa. é maior e suas obras mais perfeitas do que se diz geralmente. Desculpa merece a minha incredulidade preterita; por quanto, depois de se ter concertado a serra tres vezes no dilatado curso da minha vida, e sempre pelo mesmo estilo com pouca diferença, não devia eu esperar o que nunca passou pelo pensamento de pessoa alguma que se devia de ver. Se eu não tivera certeza de que me conduziam pelo caminho de São Paulo, não havia de acreditar que a serra é a mesma, por onde eu havia feito seis viagens. Os perigos em que me vi noutro tempo, causaram-me tal horror que ainda hoje se conservam vivas na minha memoria imagens de passo tão medonho. Uma montanha escabrosa, sumamente alcantilada, que se supunha ter ao menos uma legoa de alto, fazendo conta pelo tempo que se gastava em a subir com passos vagarosos, a que dava motivo a pessima qualidade da estrada: um caminho ou, para melhor dizer, uma caverna tortuosa, profunda e tão apertada que nos barrancos colaterais se viam sempre reguinhos abertos pelos cavaleiros, os quais não podiam transitar sem irem tocando com os estribos naqueles formidaveis paredes; caverna na qual permaneciam em todo tempo degraos de terra escorregadia, e alguns tão altos que ás bestas era necessario vencê-los de salto, quando subiam e arrastando-se quando desciam; uma viela lodosa, quasi toda cheia de atoleiros que sucediam uns aos outros com breves interpolições de terreno povoado de pedrinhas facilmente deslocaveis, que mortificavam os*

viajantes de pé e constituíam aos animais em perigo evidente de escorregarem e, caindo, arrojarem os cavaleiros e cargas, como sucedia muitas vezes; uma passagem rodeada de despenhadeiros que obrigava aos caminhantes a irem com muito tento para não se precipitarem. Enfim, um passo laborosissimo, uma série continua de perigos, foi a serra noutro tempo. E agora que é? Uma ladeira espaçosa, calçada de pedras, por onde se sobe com pouca fadiga e se desce com segurança. Evitou-se a aspereza do caminho com engenhosos rodeios e com muros fabricados junto aos despenhadeiros, se desvaneceu a contingencia de algum precipicio. Por meio de canais se preveniu o estrago que costumavam fazer as enchurradas e foram abatidas arvores que impediam o ingresso do sol, para se conservar a estrada sempre enxuta, na qual, em consequencia destes beneficios, já não se vêem atoleiros, não há lama, acabaram aquelles degraos terriveis. Numa palavra, descobri a serra e tenho por certo que os Vasconcelos, os Basílios, eu e todos quantos a descreveram, havemos de ser reputados mentirosos por quem ler as nossas Historias, depois de ver a serra no estado em que ella agora se acha. E que gosto não é o meu, quando me considero desmentido deste modo! Eu desejara, não para abonar a minha veracidade mas para se formar ideia justa desta grande obra, que junto ao caminho reformado, se conservasse sempre o antigo. Nem o contraste mais perito hade conhecer os verdadeiros quilates do beneficio ordenado por V. Exa., sem combinar o estado actual da serra com o preterito. Deste paralelo é que resulta gloria indizivel ao Autor do concerto. Sim, gloria indizivel, e por razoes mais solidas do que a devida a Anibal por fazer tratavel o caminho dos Alpes, manobra com que elle espantou todo o mundo e conseguiu aplausos até dos romanos que desejavam beber-lhe o sangue..." (pp. 17-19).

E' digno de nota também o longo estudo do Sr. José Sebastião da Silva Dias "Portugal e a Cultura Européica" (pp. 203-498), ao qual oportunamente voltaremos e que assim conclui: "não há mais lugar para duas lendas importantes da nossa História: uma, a que figura a cultura escolástica parada nos conceitos do Curso Conimbricence, sem ulteriores progressos de carácter doutrinal ou mesmo científico; outra, a que pinta a renovação da cultura portuguesa como feito de Pombal, quando, na verdade, ella é independente do célebre ministro josefino e data, mesmo, de época anterior ao livro de Vernei. Pombal não fez mais do que acelerar e, em parte, envenenar um movimento que vinha de longe e que, na altura das suas primeiras reformas, já se tornava incoercível." (p. 461).

Além destes trabalhos, há que referir ainda neste número de *Biblos*, os do Prof. Moreira de Sá "A Carta de Bruges do Infante D. Pedro" (pp. 33-54); do Sr. António Dias Miguel, "Contrato celebrado entre André de Gouveia, João Gélida e os magistrados municipais de Bordéus" (pp. 55-63); de J. M. Bairrão Oleiro, "Novos elementos para a história de *Aeminium*" (pp. 65-82); de Jacinto do Prado Coelho "Motivos e Caminhos do Lirismo Camoniano" (pp. 83-99); de Emile Planchard, "Problemas de seleção e de orientação no limiar da Universidade" (pp. 101-138), um inédito de Oliveira Martins, "A teoria do mosarabismo de Teófilo Braga" (pp. 139-177), com nota explicativa do Prof. Costa Pimpão; e de Jorge Dias, "Nótulas de Etnografia Madeirense" (pp. 179-201). Da Bibliografia, salientamos a nota critica de Luiz Ferraud de Almeida sôbre a obra "*Alexandre de Gusmão e o tratado de Madrid*" (documentos organizados e anotados), por Jaime Cortezão (ed. do Instituto Rio Branco, Rio de Janeiro, 1951) que completa, de certo modo, a leitura do trabalho organizado pelo Dr. Cortezão. Rica é

ainda a parte de bibliografia crítica mas, infelizmente, não dispomos de mais espaço para mais longos comentários.

J. CRUZ COSTA.

MATOS (Luiz de). — *Les Portugais à l'Université de Paris entre 1500 et 1550*. Universitatis Conimbrigensis Studia ac Regenta, Coimbra, 1950, 245 pp.

O livro do Sr. Luiz de Matos, *Les Portugais à l'Université de Paris entre 1500 et 1550* é uma importante contribuição para o estudo da história do Humanismo em Portugal. A Renascença — a “época mais viva e mais atraente da história” deste país, como diz o Autor — apresenta também para nós, brasileiros, alto interesse, pois cumpre que nos informemos, cada vez mais, e melhor, sobre a verdadeira situação de Portugal no século XVI, para que melhor possamos compreender a aventura da colonização empreendida pelos portugueses nesta parte da América.

O livro do Sr. Luiz de Matos é um longo repertório de informações, aliás excelentes, sobre os bolseiros que de Portugal eram enviados a Paris, desde a criação destas bolsas, ao tempo de D. Sancho I, por volta de 1192, com o fito de melhorar a cultura do clero. E', porém, a partir do século XVI que ocorre maior número de bolseiros à célebre Sorbonne. Isto dá-se por obra do famoso Diogo de Gouveia, o Velho que, provavelmente, em 1527, assumiu a direção do Colégio de Santa Bárbara, em Paris.

No capítulo II do seu livro, o Autor estuda precisamente o papel de Diogo de Gouveia e as razões do interesse de D. João III pela cultura. A grande ambição deste rei consistia, escreve o Autor, em “convertir à la foi chrétienne tant de nouvelles régions récemment conquises en Afrique, aux Indes et au Brésil. Il lui fallait donc des missionnaires et il ne cessera jamais de tout mettre en oeuvre pour se les procurer. Il entendait procéder à la conquête des âmes en même temps qu'à celle des territoires” (p. 33). A intenção de formar um corpo de teólogos seduzia, diz o Autor, aquele espírito impregnado de profundo sentimento religioso. Gouveia, por sua vez, está retratado nos termos de uma carta que o Prof. Marcel Bataillon publicou no seu interessantíssimo trabalho, *Études sur le Portugal au temps de l'humanisme*, cujos dizeres são os seguintes: “Quanto aos seus collegiaes, que qua chamam bolseiros, crea Vossa Alteza que tem ganhado mais nome he gloria que em tomar Feez: o qual eu spero que muyto cedo tome porque já dous dos meus desejos que neste mundo desejei sam compridos: scilicet ser doutor de Paris e ver uma fundaçam de theologos portugueses nelle. O terceiro que he pregar e dizer missa na miszquita de Feez, spero que Nosso Senhor m'o mostre” (cit. pelo Autor, in Marcel Bataillon, *ob. cit.*, p. 77, nota).

Mas, o escrúpulo religioso não teria impedido que D. João III enviasse bolseiros a Paris, onde a propaganda luterana fazia, dia a dia, maiores progressos? Não, porque a “Sorbonne devient de bonne heure la forteresse de l'Eglise. Dès janvier 1513 le Concile de Pise soumet à son examen un ouvrage de Cajetan, dont elle va s'occuper bientôt en même temps que d'autres livres suspects, comme le *Speculum oculare* de Jean Rauchlin, et em 1520, à la demande du duc de Saxe, elle commence a surveiller les doctrines

luthériennes et leur expansion en France” (p. 37). Diogo de Gouveia, muito ligado à Sorbonne, era uma garantia de orthodoxismo. Aliás, a submissão incondicional à teologia escolástica praticada pela Sorbonne valeu a Gouveia, como diz o Autor, sarcasmo de seu sobrinho André de Gouveia e de Teodoro de Bèze e as diatribes de Robert Estienne (p. 41).

A leitura do livro do Sr. Luiz de Matos muito nos esclarece, pois, acêrca dos aspectos que vai tomar, no decorrer do século XVI, o humanismo em Portugal. E', assim, além de valiosa pesquisa, um precioso instrumento de trabalho para todos aquêles que se interessam pelo estudo da questão.

J. CRUZ COSTA.

RECEBEMOS E AGRADECEMOS O ENVIO DAS SEGUINTE
PUBLICAÇÕES (1953):

- Açoreana*. Angra do Heroísmo, vol. V, fasc. I.
Acta Salmanticensia. Salamanca, tomo VI, n.º 1, 1953.
Adrados (F. Rodrigues). *La dialectología griega como fuente para el estudio de las migraciones indoeuropeas en Grecia*, *Acta Salmanticensia*, Salamanca, Universidad de Salamanca, tomo V, n.º 3, 1953.
Les Affaires de Jacques Coeur. *Journal du Procureur Dauvet*. 2 vols. Edité par M. Mollat. Paris. Colin.
Anais do Município de Coimbra. Coimbra, 1952.
Arquivo Coimbrão. Coimbra, vols. 2, 8, 9, 10, 11, 1931, 45, 46, 47, 52.
Arquivo do Distrito de Aveiro. Aveiro, n.º 72, 1952.
Arquivos da Universidade da Bahia. Salvador, Faculdade de Filosofia, V. I, 1952.
Arquitectura. Lisboa, ano XXV, n.ºs 48, 49, 1953.
Atlante. Londres, v. I, n.ºs 3, 4, 1953.
Baez (Juan R.). *Breves apuntes de las plantas agrícolas euro-indianas en el momento del descubrimiento*, *Actas del II Congreso Sudamericano de Botánica*, Tucuman, tomo XVIII, 1948.
Beira Alta. Viseu, ano XII, n.ºs II, III.
Berr (Henri). — *En marge de l'Histoire Universelle*. II, Paris. Éditions Albin Michel. 1953. X + 265 pp.
Boletim — *Departamento do Arquivo do Estado*. São Paulo, v. 10, 1953.
Boletim Bibliográfico do Ministério de Educação e Saúde. Rio de Janeiro, 1951-2.
Boletim do Instituto Joaquim Nabuco. Recife, Secretaria da Educação e Saúde, V. I, n.º 1, 1952.
Boletín de Legislación Extranjera. Madrid, tomo XIX, n.ºs 93, 94, 1952.
Boletim da Sociedade de Estudos de Moçambique. Lourenço Marques, ano XXIII, n.ºs 77, 79, 80, 1953.
Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa. Lisboa, n.ºs, 4, 5, 6, 1953.
Bolletino Della Società Geografica Italiana. Roma, série VIII, v. VI, 1953.
Brasil Açucareiro. Rio de Janeiro, ano XXI, n.ºs 1, 2, 3, 4, 5, 6, 1953.
Brasília — *Instituto de Estudos Brasileiros*. Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, v. VII, 1952.
Broteria. *Revista Contemporânea de Cultura*. Lisboa, n.ºs, 2, 3, 4, 5, 6, 1953.
Bulletin — *The Women's Club*. Rio de Janeiro, v. II, 1953.
Bulletin of the Historical Research. London, University of London, v. XXVI, n.º 74, 1953.
Bulletin of the Institute of Historical Research. London, University of London, n.º 14, 1953.
Cadernos. Pôrto, Instituto do Vinho do Pôrto, n.ºs 159, 163, 164, 165, 166, 1953.
Campanha. Lisboa, n.ºs 1, 2, 3, 1953.
Cidade Nova. Coimbra, n.º 1, série III, 1953.

- Ciencia e Fé*. San Miguel (Argentina), ano IX, n.º 54, 1953.
- Documentos Avulsos*. São Paulo, Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo, v. III, 1953.
- Estudios Americanos*. Sevilla, Revista de la Escuela de Estudios Hispano Americanos, n.ºs 19, 20, 21, 22, 25, 26, 1953.
- Estudios de Derecho*. Antioquia, Facultad de Derecho y Ciencias Políticas de la Universidad de Antioquia, v. XIV, n.º 40, 1952.
- Estudos*. Coimbra, ano XXXI, n.ºs 314, 315, 317, 318, 319, 320, 1953.
- Filosofia, Letras y Educación*. Quito, Universidad Central de Ecuador, ano V, n.º 16, 1952.
- Gil Vicente*. Guimarães, v. IV, n.ºs 3, 4, 1953.
- General Klinger. *Narrativas Autobiográficas*, São Paulo, v. V, VI, VII.
- Hispanic American Report*. Stanford, Stanford University, v. IV, n.ºs 4, 5, 7, 10, 1953.
- Infiesta (Ramon). *El Pensamiento Político de Martí*, Havana, 1953.
- Investigações*. São Paulo, ano IV, n.ºs 43, 45, 46, 1952.
- Mensário das Casas do Povo*. Lisboa, ano VIII, n.ºs 85; 87, 89, 90, 1953.
- Michigan Alumnus*, An Harbor, v. LIX, n.ºs 10, 14, 18, 1952, 1953.
- Neptuno*. Lisboa, n.º 199, 1952.
- Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul*. Pôrto-Alegre, Anais 1951-1952, Anuário 1951, 1952.
- Portugal em África*. Lisboa, n.ºs 56, 57, 59, 1953.
- Português*. São Paulo, ano II, n.ºs 11, 12, 1953.
- Revista da Academia Mineira de Letras*. Belo-Horizonte, V. XVII, 1953.
- Revista Brasileira de Filosofia*. São Paulo, v. III, 1953.
- Revista de Economia*. Lisboa, v. VI, 1953.
- Revista da Faculdade de Letras*. Lisboa, n.ºs 1, 2, 1953.
- Revista Filosófica*. Coimbra, ano III, n.º 7, 1953.
- Revista de Guimarães*. Guimarães, v. LXIII, n.ºs 1, 2, 1953.
- Revista Hispanica Moderna*. Havana, ano XVII, n.ºs 1, 4, 1952.
- Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão*. São Luís, ano IV, 1952.
- Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*. Pôrto-Alegre, 1950.
- Revista Marítima Brasileira*. Rio de Janeiro, Ministério da Marinha, ano LXXII, n.ºs 4, 5, 6, 7, 12, 1952, 1953.
- Revista do Museu Júlio de Castilhos*. Pôrto-Alegre, ano 2, n.º 3.
- Revista do Professor*. São Paulo, ano XI, n.º 18, 1953.
- Revista da Universidade Católica de São Paulo*. São Paulo, v. IV, n.º 7, 1953.
- Revue de Synthèse*, 1953.
- Sal Terrae*. Santander, ano XLI, n.ºs 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 1953.
- Scientia Iuridica*. Braga, tomo II, n.º 8, 1953.
- Sicilorum Gymnasium*, julho-dezembro de 1952.
- Sociedade Geográfica de Lisboa*. Lisboa, n.ºs 1, 2, 3, 1953.
- Symposium*. Siracusa, v. VII, n.º 1, 1953.
- Universidad*. Saragoça, ano XXVIII, n.º 2, 1951.
- Universidad de La Habana*. Havana, 1952.
- Vértice. Revista de Cultura e Arte*. Coimbra, v. XIII, n.ºs 115, 116, 117, 118, 119, 121, 122.
- Vida Universitária*. Havana, ano IV, n.ºs 32, 33, 34, 35, 36, 38, 1953.
- Viana (Mário Gonçalves). *A função inspectoral em educação considerada à luz da pedagogia*, Lisboa, 1953; *A Ginástica a serviço da profissão, do desporto e da vida*, Lisboa, 1953; *Humanização do Trabalho*. Pôrto, 1953.
- Zephyrus*. Salamanca, Facultad de Filosofia y Letras, n.º 3, 1952